

CORPO E TERRITÓRIO: CONSTRUINDO CONHECIMENTO COM O OLHAR GEOGRÁFICO E A SENSIBILIDADE HUMANA, UMA EXPERIÊNCIA COM A FOTOGRAFIA DOCUMENTAL NA APA DO RIO PANDEIROS/ MG.

Daniella Souza de Mendonça

Doutoranda do Instituto de Estudos Socioambientais.

Universidade Federal de Goiás

Bolsista CAPES

daniellamendonca@discente.ufg.br

INTRODUÇÃO

A fotografia documental permite que feições de uma realidade nunca vivenciada sejam conhecidas. Com discrição o registro fotográfico é feito e torna-se uma ferramenta para transmissão de histórias, fatos e saberes. Neste caso, a fotografia se torna produto de um ato investigativo, onde por meio de uma linguagem não verbal a história, fatos e saberes são transmitidos. Dessa forma não há barreira entre emissor e receptor. A transmissão de informações se dá no momento da conexão entre o objeto/sujeito/fato retratado (fixo e imóvel) e o observador com todos os fluxos de emoções/sentimentos, entendimentos e empatia. Conforme Lombardi (2008, p. 37),

A fotografia documental tem como proposta narrar uma história por meio de uma seqüência de imagens. Com sua especificidade centrada na aliança do registro documental com a estética, ela assume a função de fazer a mediação entre o homem e o seu entorno. É, portanto, problematizadora da realidade social, e ao mesmo tempo, reivindicadora de um modo próprio de expressão.

A fotografia documental possui importância sociopolítica, pois é uma ferramenta de resistência, onde com verdade, objetividade e credibilidade a veracidade dos fatos fica evidenciada. As fotografias utilizadas no minicurso “Corpo e Território: Construindo conhecimento com o olhar geográfico e a sensibilidade humana, uma experiência com a fotografia documental na APA do rio Pandeiros/ MG” foram tiradas nas comunidades da Amescla e Água Doce.



Ambas são comunidades tradicionais de veredeiros e estão inseridas na Área de Proteção Ambiental (APA) do rio Pandeiros que está localizada numa parcela dos municípios de Januária, Bonito de Minas e Cônego Marinho no Norte de Minas Gerais. A implantação da APA supracitada ocorreu em 1995 e a necessidade de sua criação não partiu da população local, não havendo a participação popular (MENDONÇA, *et. al*, 2018).

As Unidades de Conservação (UC's) devem ser implantadas com foco no desenvolvimento sustentável, fazendo com que a legislação ambiental vigente amplie o planejamento e a gestão territorial, garantindo da forma mais equânime possível o bem-estar das populações humanas e a preservação e conservação das condições ecológicas (MENDONÇA, *et. al*, 2018). Na busca pela sustentabilidade, conforme Gawora Ide e Barbosa (2011, p. 26) “[...] os povos e comunidades tradicionais deveriam ser um motor desta troca do paradigma, ou seja, um sujeito de mudança. Parece uma utopia, mas é algo imprescindível para mudança de paradigma”. Essencialmente os povos tradicionais não se separam do meio, ao contrário se sentem parte integrante. Segundo Diegues (2008, p. 86):

O território das sociedades tradicionais, distinto das sociedades urbanas industriais, é descontínuo, marcado por vazios aparentes (terras em pousio, áreas de estuário que são usadas para pesca somente em algumas estações do ano) e tem levado a autoridades da conservação a declará-lo parte das “unidades de conservação” porque “não é usado por ninguém”. Aí reside, muitas vezes, parte dos conflitos existentes entre as sociedades tradicionais e autoridades conservacionistas.

Conforme dados do Mapa de Conflitos envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil, 65,85% dos conflitos ocorrem na área rural, onde o maior impacto causado refere-se à alteração do regime tradicional de uso e ocupação do território. Em relação aos danos causados a piora na qualidade de vida se torna mais expressiva, além da violência (ameaça, assassinato e coação física), geração de insegurança alimentar e desnutrição. Compreender as facetas que compõem o Território na atualidade é uma urgência perante o isolamento social que a humanidade está vivenciando devido a Pandemia causada pela Covid-19, onde se vê o desrepeito com os direitos humanos, o agravamento das questões ambientais e consequentemente dos conflitos e da disputa de territórios.



Diante da complexidade do panorama exposto a seleção das fotografias e estruturação do minicurso foi pautado nos ideais da ciência holística. Tal abordagem possibilitou ressaltar uma realidade ofuscada pelos interesses econômicos e que vibra na sintonia oposta do preservacionismo. Uma realidade onde o ser humano compreende a sua dependência em relação aos elementos naturais e nutre uma relação de respeito, reverência e cuidado para com a natureza e com a vida em todas as suas dimensões e escalas.

MATERIAL E MÉTODOS

O Território para o educador e filósofo Jean Pierre Leroy (2002, p. 61) “(...) é socialmente construído em cima de um espaço indefinido, em um meio ambiente no qual vai se inscrever a ação dos homens. Leia-se, então nesse território, a história”. Se o corpo é Território, o que foi inscrito sob ele? Qual a história que ele carrega? Sabendo que o corpo é dotado de saberes, durante a realização do minicurso a história de vida e do território material e imaterial pertencentes aos veredeiros das comunidades supracitadas foi contada pelas fotografias documentais.

O minicurso foi desenvolvido de maneira dinâmica, onde sem aviso prévio os participantes foram expostos às metodologias ativas de ensino-aprendizagem. O conteúdo cerne para o desenvolvimento da oficina foi pautado em Unidades de Conservação, Saberes Tradicionais, qualidade de vida, Território, Metodologias Ativas e Neurociência. Tal conteúdo permeia várias áreas da Geografia, especialmente a Geografia da Saúde, Ecologia Política e Justiça Ambiental.

O minicurso ocorreu virtualmente utilizando a plataforma do Google Meet. Conforme uma participante a qualidade do minicurso não foi reduzida por ter ocorrido em plataforma digital devido à sensibilidade da ministrante e a qualidade do conteúdo exposto. Segundo ela “(...) foi realmente tocante saber a história por trás de cada fotografia e como é importante essa captura do momento certo”[sic].

O minicurso foi dividido em quatro etapas que seguiram os princípios da neurociência no que tange ao funcionamento da memória humana e valorizaram a história de



vida e ponto de vista de cada participante. Conforme Lent (2015, p. 242) “o termo *memória* se refere ao processo mediante o qual adquirimos, formamos, conservamos e evocamos informação. A fase de aquisição é coloquialmente chamada “aprendizagem”. A atividade iniciou com a apresentação dos participantes e com exercício de relaxamento que visou o bem-estar dos participantes, deixando de forma o cérebro mais apto para receber e armazenar o conteúdo exposto.

A primeira etapa do minicurso foi desenvolvida de maneira silenciosa, onde os participantes observaram as vinte fotografias até então desconhecidas. Nesse momento o estímulo era a exposição de um novo contexto, onde como resposta os participantes são condicionados a um momento de exploração e orientação. Eles escreveram uma palavra ou frase curta que representasse tal registro. Nesse momento os participantes tiveram que acessar suas memórias, sentimentos e vivências para significar cada fotografia. Assim o aprendizado se torna mais significativo, pois foi acessado a memória explícita dos participantes aproximando o objeto do observador.

Conforme Lent (2008, p. 245) “as memórias explícitas são acessadas de maneira consciente, onde o sujeito sabe que as possui, pois correspondem ao conhecimento relativo a vivências pessoais (memórias episódicas) e ao ambiente (memórias declarativas semântica) que o cerca”. Na segunda etapa os participantes receberam três fotografias via whatsapp, onde tiveram que redigir de forma livre, guiados somente pela sua leitura e bagagem pessoal, um breve comentário contanto a história que o registro mostrava. Após esse momento eles apresentaram as suas histórias para o grupo.

Na terceira etapa, a ministrante narrou a história dos corpos (humanos, flora, fauna, d’água, solo, materiais e imateriais) retratados nas fotografias trazendo a realidade contida em cada uma delas. Após abrir espaço para debate ocorreu a quarta etapa, onde foi repetida a mesma atividade da primeira etapa, entretanto a leitura neste momento foi feita com outro olhar, já que os participantes foram expostos a real história contida nos registros fotográficos. Após a visualização em silêncio das 20 fotografias ocorreu a comparação das palavras escritas, antes (primeira etapa) e depois de conhecer a história daqueles corpos presentes nas fotografias.



De acordo com Lent (2008, p. 246) “(...) muitas memórias são adquiridas por meio da associação de um estímulo com outro ou então com uma resposta”. Diante da afirmação de Lent os participantes tiveram contato com as fotografias quatro vezes, mas em contextos (estímulos) diferentes. Assim com a repetição do estímulo os participantes foram expostos a uma situação chamada pela neurociência de habituação. Ainda conforme Lent (2008, p. 260) “(...) a habituação é a forma mais simples de aprendizado e deixa um traço mnemônico que se revela justamente como uma diminuição da resposta após a repetição do estímulo”. Com isso o minicurso foi ministrado de forma dinâmica e eficiente, pois foi pautado em Metodologias Ativas e princípios da Neurociência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Todos os objetivos propostos pela ministrante foram alcançados e segundo relato de uma participante a experiência foi excelente, pois segundo ela “(...) a abordagem da temática foi feita de maneira dinâmica e interessante, prendendo a atenção dos participantes e promovendo interação entre todos. A forma como foi feita a exposição propiciou visualizar fenômenos sob perspectivas diversas, demonstrando que a fotografia documental é muito interessante e importantíssima para o estudo e desenvolvimento de pesquisa” [sic].

CONCLUSÃO/CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se que houve a colaboração ativa de todos os participantes no desenvolvimento do minicurso, atingindo assim todos os objetivos propostos. Ficou evidente que a didática utilizada estimulou a autonomia dos envolvidos, havendo a desconstrução da heteronomia muito utilizada nas práticas pedagógicas ultrapassadas que desconsideram todo o potencial e saberes que todos os sujeitos possuem independente se exercem papel de docente ou discente.

O ambiente foi acolhedor e democrático, onde foi possível trabalhar com a noção do corpo como Território. Além de trazer um olhar integrativo na análise da gestão territorial de comunidades tradicionais que residem em áreas transformadas em Unidades de



Conservação. Perante a necessidade do isolamento social as ferramentas digitais de comunicação (Google Meet e Whatsapp) permitiram a troca de saberes e a sensibilização da utilização da fotografia documental como ferramenta riquíssima no processo de ensino-aprendizagem.

AGRADECIMENTOS

A autora agradece aos vereadores residentes na comunidade Amescla e Água Doce que a receberam em suas residências e compartilharam os seus saberes e modos de vida. Agradece também à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) pelo apoio financeiro oferecido para realização do estudo. Os agradecimentos se estendem a Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), ao Instituto Pandavas/SP e ao Espaço Maker de Experimentação em Climatologia (IESA/UFG) que colaboraram para formação profissional e pessoal da autora.

REFERÊNCIAS

DIEGUES, A. C. **O mito da natureza intocada**. 6ª edição. São Paulo: Editora Hucitec, 2008.

LENT, R. **Neurociência da Mente e do Comportamento**. [Reimpr.]. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015.

LEROY, P. J. **Saúde e Ambiente Sustentável: estreitando nós**. Rio de Janeiro: Editora Fio Cruz, 2002.

LOMBARDI, K. H. Documentário Imaginário: reflexões sobre a fotografia documental contemporânea. *Discursos fotográficos*, Londrina, v.4, n.4, p.35-58, 2008.

GAWORA, D.; IDÊ, M. H. S.; BARBOSA, R. S. **Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil: Povos e Comunidades Tradicionais como sujeitos da mudança**. Montes Claros: UNIMONTES, 2011.

MENDONÇA, D. S., MAGALHÃES, C. M., SILVA, M. O. A. **A influência da criação de Unidades de Conservação e da pobreza nas condições de vida e saúde de Vereadores residentes na APA do rio Pandeiros – MG**. VI congresso em Desenvolvimento Social: Desafios à democracia, Desenvolvimento e Bens Comuns, 2018. ISSN 2358-3991.

VEYRET, Y; SIMON, L. **Biodiversité, développement durable et Géographie**. ANNALES DES MINES, 44 (2006) 76-83.

